

Os impactados na educação indígena dos *Asuriní* do Xingu: Patrimônio cultural material x usina hidrelétrica Belo Monte



<https://doi.org/10.56238/chaandieducasc-001>

Vaniely Corrêa Barbosa

Doutoranda em Educação
Universidade Federal do Pará – UFPA
E-mail: vaniely_barbosa23@yahoo.com.br

Cesar Augusto Martins de Souza

Doutor em História
Universidade Federal do Pará – UFPA
E-mail: cesar@ufpa.br

Francilene de Aguiar Parente

Doutora em Antropologia
Universidade Federal do Pará – UFPA
E-mail: faparente@gmail.com

Eugênia da Luz Silva Foster

Doutora em Educação
Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.
E-mail: daluzeugenia6@gmail.com

RESUMO

Os *Asuriní* do Xingu, são índios de origem Tupi-Guarani e habitam a Terra Indígena Koatinemo no estado do Pará. A investigação tem como objetivo compreender os impactos na educação indígena *Asuriní*, especialmente em seu patrimônio cultural

material, a partir das opressões advindas juntamente com a construção da Usina Hidrelétrica Belo Monte – UHE Belo Monte. Para tanto, desenvolve-se um estudo de natureza qualitativa, de forma a possibilitar o alcance do objetivo traçado, utilizando o levantamento bibliográfico e a realização de entrevistas semiestruturadas em campo. Para a análise dos resultados utiliza-se o método da Análise de Conteúdo. Os resultados demonstraram que após a unificação dos indígenas em um movimento crescente em busca de seus direitos no cenário regional e nacional com os ribeirinhos, pescadores, trabalhadores rurais e moradores de Altamira, conquistaram a elaboração de um programa, denominado Plano Básico Ambiental do Componente Indígena – PBA - CI. Conclui-se que apesar da elaboração do plano pelo Consórcio Norte Energia e execução pela empresa contratada pelo consórcio, para trabalhar com o Programa de Patrimônio Cultural Material e Imaterial do PBA-CI, houve modificações na forma de confeccionar os objetos que fazem parte de seu patrimônio cultural material, devido as intervenções externas e as demandas do comércio.

Palavras-chave: Educação Indígena, Patrimônio Cultural Material, Povo Indígena *Asuriní* do Xingu, UHE Belo Monte.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de diálogos construídos em uma pesquisa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia – PPLSA, assim como de reflexões junto ao Grupo de Pesquisa Educação, Interculturalidade e Relações Étnico-Raciais (UNIFAP/CNPq) da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. Propõe-se compreender os impactos na educação indígena *Asuriní*, especialmente em seu patrimônio cultural material, a partir das opressões advindas juntamente com a construção da Usina Hidrelétrica Belo Monte – UHE Belo Monte.

O trabalho instiga o combate à desigualdade e a invisibilidade indígena, assim como, incita a valorização do patrimônio cultural, a importância da educação indígena e o respeito a diversidade. Neste sentido, desenvolveu-se um estudo de natureza qualitativa, de acordo com as contribuições de



Minayo (2008), utilizando-se o levantamento bibliográfico e a realização de entrevistas semiestruturadas em campo com os *Asurini*, servidores da FUNAI e funcionários da empresa contratada pelo Consórcio Norte Energia, após o envio dos documentos necessários à FUNAI, para autorização da coleta de dados na Terra Indígena *Koatinemo* e ao Comitê de Ética, por meio da Plataforma Brasil, para a autorização de entrevistas e imagens.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A UHE Belo Monte localiza-se na Rodovia Transamazônica, Km 52, s/n Sítio Belo Monte, no Município de Vitória do Xingu – PA, próximo ao Município de Altamira / PA, e foi construída na bacia do rio Xingu, no sudoeste do Estado do Pará.

De acordo com Sevá Filho (2005), os impactos ambientais ocasionados pela sua construção não ocorreram somente nas localidades onde se situam a barragem da usina e o canal de desvio do curso do rio Xingu, mas também as várias terras indígenas, que foram impactadas de distintas formas, de acordo com as diferentes etapas da obra, pois, mais da metade da área da bacia do rio Xingu é formada por terras indígenas e unidades de conservação.

Sendo assim, a Terra Indígena *Koatinemo*, localizada no estado do Pará, à aproximadamente 100 km de Altamira/PA, mais especificamente no município paraense de Senador José Porfírio, à margem direita do rio Xingu, onde se encontram as três aldeias da etnia *Asurini* do Xingu, *Kwatinemo*, *Itaaka* e *Muyjrina*, também sofreu com os impactos de sua construção.

Os *Asurini* do Xingu atualmente são indígenas bilíngue, falantes originalmente da língua Tupi-Guarani, e recentemente da língua portuguesa. Fato este que se dá especialmente a partir do contato, iniciado na década de 70, e intensificado a partir da construção da UHE Belo Monte em 2011.

A educação indígena *Asurini* se destaca no âmbito de seus patrimônios culturais, material e imaterial, definida pela oralidade, demonstração e práticas cotidianas. De acordo com Müller (1992), os *Asurini* do Xingu confeccionam canoas, bancos de sentar, cestos, adornos corporais, armas - arco e flechas, flautas, tecido, capacete, cordoaria e cerâmica. Müller (1992), esclarece que as canoas são para o transporte; o banco para sentar; os objetos utilitários como os cestos e as peças de cerâmicas, para transportar, depositar e servir alimentos; as armas para a caça e a pesca; os adornos para a decoração do corpo, como brincos, pulseiras, anéis e colares; as flautas para os rituais; o tecido para as blusas e telas; o capacete, para os rituais, festas e ornamentação corporal; e a cordoaria para as redes.

Em se tratando de patrimônio imaterial tem-se os rituais *TURÉ*, ritual das flautas e *MARAKÁ*, o ritual xamanístico; e a prática da pintura corporal. Müller (1992), afirma que a pintura corporal pode ser utilizada por todos, independentemente de idade e sexo, a única divisão entre os sexos está relacionada a posição da pintura. Na horizontal, para os homens e na vertical, para as mulheres, marcando o ventre e as fases do desenvolvimento biológico e social.



3 RESULTADOS ALCANÇADOS

Para evidenciar os impactos ocasionados nas referidas aldeias *Asurini*, realizou-se o levantamento a partir das narrativas orais dos indígenas *Asurini* do Xingu. E em suas exposições, percebe-se os seus descontentamentos motivados pela construção da barragem, relacionados ao rio, devido à falta de peixe; a insegurança alimentar, pois, agora compram na cidade os alimentos que não plantam; e à cultura material e imaterial, por se envolverem com culturas diferentes.

Para além dessas implicações, ocorreram também reestruturações na Terra Indígena *Koatinemo*, dessa forma, onde via-se um cenário com casas de barro e palha antes da barragem, construídas pelos próprios indígenas, hoje em dia pode-se verificar um cenário com casas, escolas e postos de saúde em alvenaria, construídas pelo Consórcio Norte Energia. Portanto, as aldeias localizadas na Terra Indígena *Koatinemo* se transformaram fisicamente e culturalmente com a chegada da UHE Belo Monte, ocasionando um impacto de alta relevância nestas comunidades devido ao intenso contato.

Diante do exposto, os indígenas da bacia do Xingu conquistaram, após a unificação dos indígenas em um movimento crescente em busca de seus direitos no cenário regional e nacional com os ribeirinhos, pescadores, trabalhadores rurais e moradores de Altamira, a elaboração de um programa, denominado Plano Básico Ambiental do Componente Indígena – PBA-CI.

O PBA-CI é composto por 10 programas, a saber: Programa de Fortalecimento Institucional, Programa de Comunicação para Não Indígenas, Programa Gestão Territorial Indígena, Programa de Educação Escolar Indígena, Programa Integrado de Saúde Indígena, Programa de Atividades Produtivas, Programa de Infraestrutura, Programa de Realocação e Reassentamento dos Índios moradores de Altamira e da Volta Grande do Xingu, Programa de Supervisão Ambiental do Meio Físico e Biótico e o Programa de Patrimônio Cultural Material e Imaterial.

Neste trabalho, apenas o Programa de Patrimônio Cultural Material e Imaterial estará em destaque, que tem como objetivo fortalecer e proteger o patrimônio cultural dos povos indígenas que tiveram suas bases de reprodução física e cultural afetadas pela UHE Belo Monte. Porém, apesar de o Programa de Patrimônio Cultural Material e Imaterial ter sido criado com o objetivo de valorizar as expressões artísticas culturais dos povos indígenas, suas ações acabaram por modificar as formas de confecção dos objetos constitutivos do patrimônio cultural material dos *Asurini* do Xingu, pois, constatou-se, diante das interferências da empresa contratada pelo Consórcio, a inserção de novos elementos na forma de fazer arte. Tem-se como exemplo o tecido, incluído para confecção de blusas e telas; as tintas industrializadas, para a pintura desses tecidos, assim como, para a pintura do banco e da pintura corporal nas exposições, diminuindo com isso, o uso do sumo do suco do fruto do jenipapo, juntamente com o carvão vegetal; as miçangas, para a confecção dos adornos corporais, reduzindo dessa maneira, o uso das escamas de peixe, sementes e dentes de macaco.



Esses elementos foram inseridos pela empresa possivelmente devido a praticidade e agilidade que as miçangas, o nylon, e as tintas industrializadas proporcionam, fazendo com que ocorra o aumento da produção, e, portanto, o lucro para a empresa, atendendo dessa maneira, as demandas do comércio e das exposições em eventos e museus.

Dessa maneira, a UHE Belo Monte de acordo com o RIMA (2009), pode trazer alguns desentendimentos entre as gerações, assim como, a procura de outros tipos de rendimentos e desmotivação com as atividades culturais, o que pode prejudicar a transferência dos conhecimentos tradicionais para as novas gerações.

4 CONCLUSÕES

Conclui-se que apesar da elaboração do PBA - CI pelo Consórcio Norte Energia e execução pela empresa contratada para trabalhar com o Programa de Patrimônio Cultural Material e Imaterial, durante a construção da UHE Belo Monte, houve modificações nas formas de confecções dos objetos constitutivos do patrimônio cultural material do povo indígena *Asurini* do Xingu, realizados agora com uma ampla variedade de elementos naturais e industriais, devido as intervenções externas. Além da intensificação do ritmo de suas confecções, principalmente da cerâmica, dos adornos corporais e da pintura, para atender as demandas do comércio e das exposições em eventos e museus. É importante ressaltar, neste contexto, que mesmo com as modificações, o patrimônio cultural *Asurini* serve como testemunho de seus modos de vida e de sua ideologia, tornando a educação indígena uma forma de manter viva, ao longo das gerações a singularidade étnica.



REFERÊNCIAS

- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
- MÜLLER, Regina Polo. Os Asuriní do Xingu: História e Arte. 2. ed. Campinas: EDITORA DA UNICAMP, 1992.
- NORTE ENERGIA SA. Plano Básico Ambiental do Componente Indígena – PBA-CI. Norte Energia, 2011.
- RIMA. Relatório de Impacto Ambiental. Eletrobrás, 2009.
- SEVÁ FILHO, A. Oswaldo. TENOTÃ-MÕ: Alertas sobre as consequências dos projetos hidrelétricos no rio Xingu. 1. ed. São Paulo: IRN, 2005.